

AVALIAÇÃO DA PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

EVALUATION OF THE PRACTICE OF SELF-MEDICATION WITH NON-STEROID ANTI-INFLAMMATORIES IN A HIGHER EDUCATION INSTITUTION

FLITSE GERARD ALVES DE SOUSA JUNIOR¹, KAREN CRISTINA PEREIRA SILVA¹, KAROLINE FERNANDES DE SOUSA¹, ADIBE GEORGES KHOURI², ARTHUR DE CARVALHO E SILVA², MARIANA CRISTINA DE MORAIS², RAQUEL DE FÁTIMA RESENDE OLIVEIRA², ALEXSANDER AUGUSTO DA SILVEIRA², ADELIANE CASTRO DA COSTA², ÁLVARO PAULO SILVA SOUZA^{2*}

1. Bacharel em Farmácia pela Faculdade Estácio de Sá de Goiás-FESGO; 2. Docente do curso de Farmácia da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-FESGO

* Avenida Goiás, Quadra 2.1, Lote Área, Loja 2, , 2151 - Setor Central. CEP: 74063010. alvaro.farmacutico@hotmail.com

Recebido em 01/07/2020. Aceito para publicação em 25/09/2020

RESUMO

Introdução: Os medicamentos isentos de prescrição (MIP) são frequentemente utilizados na automedicação. Dentro deste grupo estão os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), que contribuem significativamente com a prática, por conta de suas características analgésica, antipirética e anti-inflamatória. Tais medicamentos são eficientes para o alívio e tratamento de doenças e transtornos menores, no entanto, não estão isentos de riscos como intoxicação e efeitos adversos, uma vez que podem causar distúrbios gastrointestinais, reações alérgicas e problemas renais. **Objetivo:** Avaliar a automedicação no uso de anti-inflamatórios não esteroides por estudantes de uma instituição de ensino superior (IES). **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa que realizada por meio de aplicação de questionários semiestruturados e com base nessas informações foram verificadas o nível de automedicação com o uso de anti-inflamatórios não esteroides (AINES) entre os acadêmicos, o nível de consciência da população em relação ao uso correto dos AINES e destacando o papel do farmacêutico. **Resultados:** Verificou-se que, dentre os entrevistados, 34% relatam que utilizam AINES por conta própria, 37,8% afirmam utilizar o medicamento quando sentem algum sintoma. Além disso, 70,8% dos acadêmicos afirmaram confiar na indicação de medicamentos feita pelo farmacêutico. **Conclusões:** Com base nos dados levantados é possível afirmar que a automedicação entre os discentes é grande, principalmente entre os da área da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Anti-inflamatórios não esteroides; Automedicação; Ciclooxygenase.

ABSTRACT

Introduction: Non-prescription drugs (MIP) are often used in self-medication. Within this group are non-steroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs), which significantly contribute to the practice, due to their analgesic, antipyretic and anti-inflammatory characteristics. Such drugs are effective for the relief and treatment of minor illnesses and disorders, however, they are not exempt from risks such as intoxication and adverse effects, since they can cause gastrointestinal disorders, allergic reactions and kidney problems. **Objective:** To evaluate self-medication in the use of non-steroidal anti-inflammatory drugs by students from a higher education institution (HEI). **Methods:** This is a research that was carried out through the application of semi-structured questionnaires and based on this information, the level of self-medication with the use of non-steroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs) was verified among academics, the level of awareness of the population regarding the correct use of NSAIDs and highlighting the role of the pharmacist. **Results:** It was found that, among the interviewees, 34% report that they use NSAIDs on their own, 37.8% say they use the medication when they feel any symptoms. In addition, 70.8% of students said they trust the pharmacist's indication of medications. **Conclusions:** Based on the data collected, it is possible to state that self-medication among students is large, especially among those in the health field.

KEYWORDS: Nonsteroidal anti-inflammatory drugs; Self-medication; Cyclooxygenase.

1. INTRODUÇÃO

A automedicação pode ser definida pelo ato de um indivíduo adquirir um medicamento a fim de tratar ou aliviar os sintomas de uma doença (SOUZA et al.,

2011). Tal prática pode ocorrer de várias formas, como por exemplo pela indicação de amigos, familiares, reutilização de prescrições antigas, pela compra do fármaco sem orientação médica, pelo acúmulo de medicamentos em casa, somado a isso, por tratamentos prolongados prescritos em receitas (MATOS *et al.*, 2018).

Os medicamentos isentos de prescrição (MIP) são frequentemente utilizados na automedicação. Dentro deste grupo estão os anti-inflamatórios não esteroides (AINES), que contribuem significativamente com a prática por conta de suas características, analgésica, antipirética, anti-inflamatória e pela facilidade ao acesso a estes medicamentos. (NAVES *et al.*, 2010). Os AINES geralmente são utilizados para o tratamento de dor crônica ou aguda desencadeada por um processo inflamatório. Estes fármacos participam de um grupo de compostos quimicamente diferentes, mas compartilham algumas ações terapêuticas e determinados efeitos adversos que estão relacionados principalmente com o uso indiscriminado ou períodos prolongados (SILVA *et al.*, 2014).

O mecanismo de ação dos AINES ocorre pela inibição da ciclooxigenase (COX) interferindo diretamente na conversão do ácido araquidônico em prostaglandinas, prostaciclina e tromboxano (OLIVEIRA, 2019). Ao inibir a síntese de prostaglandinas (PGs), os AINES atuam de diferentes maneiras no organismo, podendo ter ação anti-inflamatória devido à redução da vasodilatação; efeito antipirético pela inibição das PGs presentes no hipotálamo que possui função reguladora da temperatura corporal e por fim seu efeito analgésico o qual ocorre pela inibição da síntese da COX-2, cuja função está ligada ao processo inflamatório aumentando a dor (RANG e DALE, 2016).

Os AINES são eficientes para o alívio e tratamento de doenças e transtornos menores. Através da inibição da enzima ciclooxigenase 1 (COX-1) e ciclooxigenase 2 (COX-2), surgem os anti-inflamatórios seletivos e não-seletivos para COX-2. A isoforma COX-1 é encontrada em vários tecidos como nos vasos sanguíneos, plaquetas, estômago e rins. Tem como função promover a homeostasia. Já a COX-2, é uma enzima induzida na inflamação, influenciando os eventos vasculares (SILVA *et al.*, 2014). Além disso, estudos recentes relatam uma terceira variante da ciclooxigenase a COX-3, o AINE específico para ela possui ação antipirética e analgésica, levando a redução de dor e febre através da inibição da COX-3 no sistema nervoso central (HAZARIKA, 2016).

No entanto, os AINES não estão isentos de riscos como intoxicação, alergias e efeitos adversos, uma vez que podem causar distúrbios gastrointestinais como náusea, dor abdominal, azia, diarreia, úlcera gástrica,

necrose hepática, distúrbios na função das plaquetas e hepatite. Além disso, podem agravar problemas como insuficiência renal, hipertensão arterial, insuficiência cardíaca e aumentar o risco de doenças cardiovasculares (MENDES *et al.*, 2014).

A maioria dos AINES inibe tanto a COX-1 quanto a COX-2 em proporções diferentes, com isso, é importante destacar que os efeitos gastrointestinais podem estar ligados à inibição da COX-1. Pensando em reduzir os efeitos adversos dos anti-inflamatórios, foram desenvolvidos os AINES seletivos para a COX-2 como representante os coxibes, que apresentaram reações gastrointestinais menores. Porém, tal classe não está livre de riscos, uma vez que pode causar problemas cardiovasculares (ARAÚJO *et al.*, 2005).

Além disso, os AINES podem apresentar interações medicamentosas que levam à potencialização tanto dos efeitos positivos quanto negativos da ação do fármaco no organismo. A utilização de anti-hipertensivos, anticoagulantes, diuréticos e antidepressivos concomitante ao uso de AINES pode desencadear interações medicamentosas como o aumento da pressão arterial (PA), risco de hemorragia, nefrotoxicidade entre outros. Dessa forma, o risco/benefício de terapias que envolvam AINES deve ser analisado (LIMA, *et al.*, 2016).

Os principais prejuízos da automedicação incluem a possibilidade de sinais e sintomas da doença serem mascarados, gastos desnecessários, terapêutica inadequada (MENDES, *et al.*, 2014) ou até mesmo levando a internações hospitalares por novos graves problemas (PROLUNGATTI *et al.*, 2014). Um estudo feito pela Fiocruz em (2017), apontou que 27,11% dos casos de intoxicação ocorreram através de medicamentos. Dessa forma, a prática da automedicação pode trazer danos à saúde. Portanto, é necessário analisar as consequências que ela pode gerar ao organismo (ARAÚJO, 2014).

Diante dos benefícios e malefícios que a utilização de AINES pode trazer ao organismo, o presente estudo tem por objetivo analisar a prática de automedicação com anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) em uma Instituição de Ensino Superior (IES).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo quantitativo descritivo (LAKATOS, 2003), onde realizou-se a investigação entre estudantes de uma Instituição de Ensino Superior (IES) no município de Goiânia quanto a automedicação no uso de AINES. A pesquisa foi realizada por meio de aplicação de questionário semiestruturado com perguntas objetivas ou discursivas para identificação do percentual de uso de medicação entre os acadêmicos dessa IES, identificar quais os principais AINES

utilizados e os principais fatores associados à automedicação, identificar os principais sintomas que levam ao uso e se possuem conhecimento dos efeitos adversos.

Foram incluídos nessa pesquisa discentes de ambos os sexos para responder o questionário eletrônico sobre a automedicação no uso de anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) por esse grupo de estudantes. Foram excluídos da pesquisa alunos que não conseguem se comunicar e/ou se expressar sem ajuda de terceiros.

Para determinação da amostra dos participantes da pesquisa preenchidos pelos estudantes, foi utilizado o índice de significância de 90% e erro amostral de 5%, considerando que a Instituição tem cerca de 5000 mil alunos na modalidade presencial. A coleta de dados foi realizada no mês de abril e maio de 2020, através dos questionários aplicados com auxílio da ferramenta Formulários Google®, sendo tabulados e analisados através do software Excel® versão 2010.

Somente participaram da pesquisa aqueles que aceitaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), sendo que cada aluno recebeu por e-mail uma via original do termo. Foram obedecidas as normativas

da Resolução 466/2012/CONEP/MS, incluindo o direito do estudante de não se interessar em responder a pesquisa ou deste participante desistir a qualquer momento.

Esta pesquisa foi realizada após autorizações expedidas pela Instituição envolvida na pesquisa além da aprovação e autorização pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UNESA, obedecendo assim a resolução CNS 466/2012 sob o número do CAAE: 27836820.6.0000.5284.

3. RESULTADOS

Nesta pesquisa obteve-se uma amostragem de 270 questionários preenchidos por discentes de uma instituição de ensino superior. Dessa forma, a partir da verificação dos dados obteve-se que 42,59% dos entrevistados tem entre 18 a 22 anos de idade, 34,44% entre 23 a 29 anos, 12,96 % entre 30 a 39 anos , 7,40 % entre 40 a 49 anos de idade, 2,22% entre 50 a 59 anos de idade e 0,37% acima de 60 anos de idade. Em relação ao gênero, 78,15% (211) foram do sexo feminino e 21,85% (59) o masculino como apresentado na figura 1.

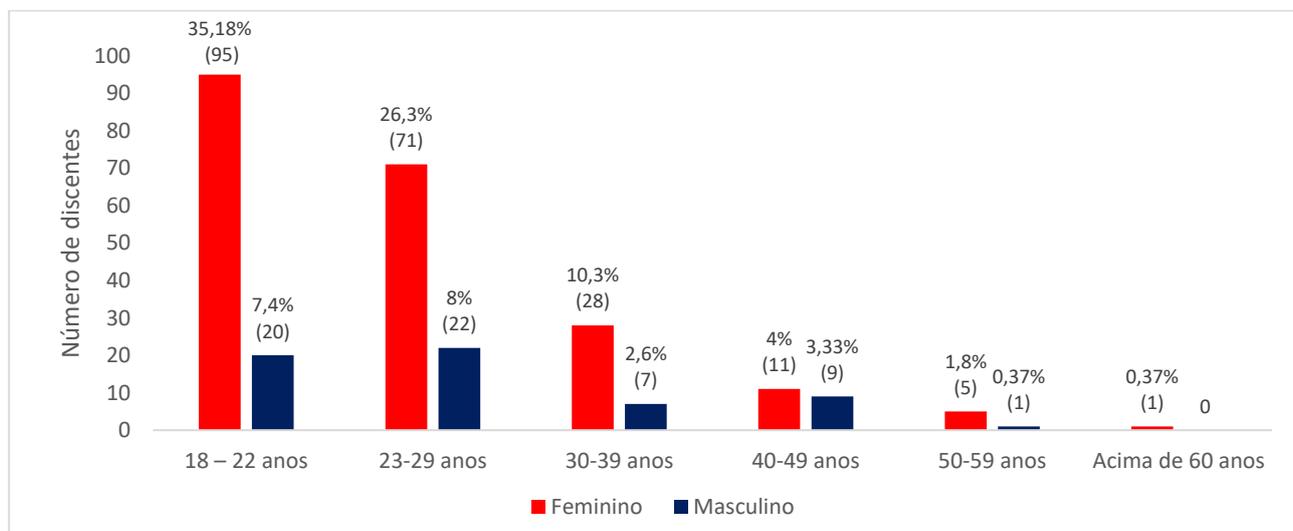


Figura 1- Distribuição dos entrevistados da pesquisa por idade e gênero.

Para verificar a frequência que os discentes recorrem ao uso de anti-inflamatórios não esteroidais, os mesmos foram indagados sobre a utilização. A partir dos dados obtidos, verificou-se que na área da gestão 21,5% (58) utilizam AINES, contra 4,07% (11) que não tem este hábito. Em relação aos acadêmicos da área da saúde, verificou-se que 69,62 (188) utilizam AINES, contra 4,8% (13) que não utilizam este tipo de medicamento (Figura 2).

Para analisar o uso concomitante de álcool e AINES entre os acadêmicos, foi verificado sobre a frequência

de consumo de álcool e anti-inflamatório. A partir dos resultados levantados verificou-se entre os discentes que tem o hábito de utilizar AINES que 7,4% (20) fazem consumo de bebida alcoólica de uma a três vezes por semana 33,3% (90) afirmaram que consomem álcool aos finais de semana. Já 3,33% (9) que utilizam álcool não tem hábito de consumo frequente de AINES e 50,4% (136) relatam que utilizam AINES, mas não utilizam álcool, já 5,55% (15) responderam que não utilizam nenhum tipo de anti-inflamatório e nem álcool (Figura 3).

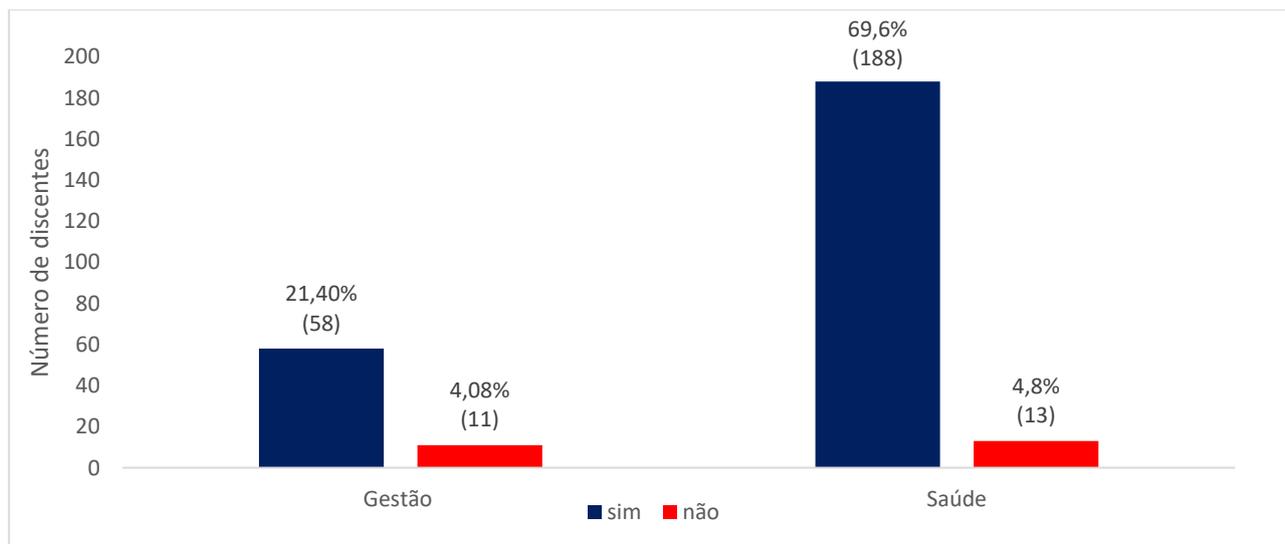


Figura 2 – Distribuição do consumo de AINES entre os discentes das áreas de gestão e saúde.

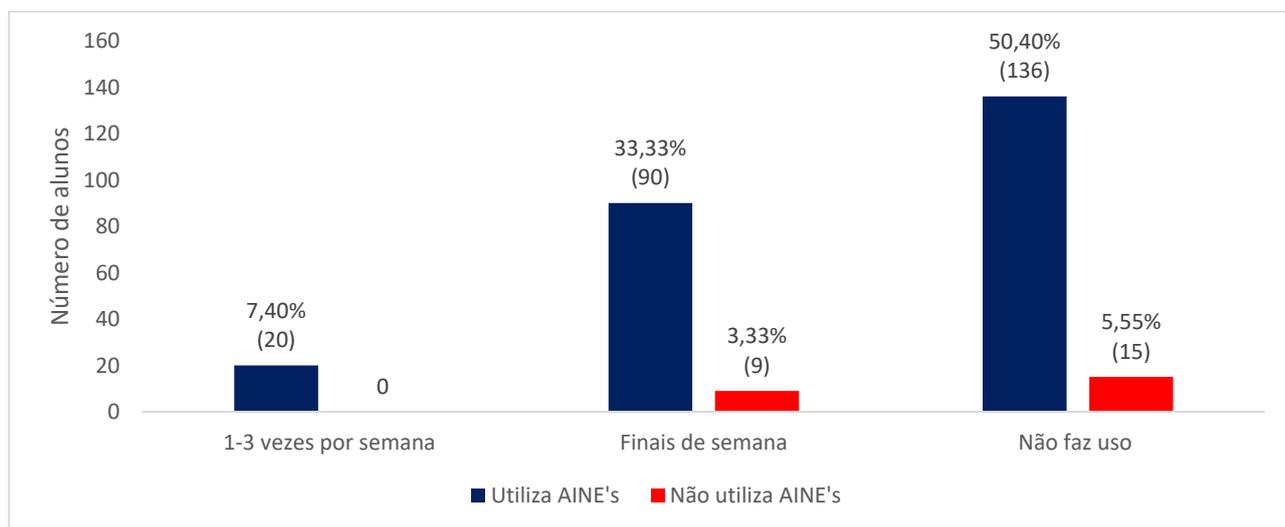


Figura 3 –Consumo de álcool e utilização de AINES por discentes de uma IES.

Afim de classificar os principais AINES utilizados pelos acadêmicos, obteve-se que 44% (122) utilizam dipirona, 16,6% (46) nimesulida, 12,3% (34) paracetamol, 11,9% (33) ibuprofeno, 2,89% (8) diclofenaco, 1,08% (3) cetoprofeno, 0,36%(1) Doralgina®, 0,72% (2) ácido acetilsalicílico, 0,72% (2) Dorflex®, 0,36% (1) Neosaldina®, 0,36% (1) Buscopan® e 8,66% (8,66) nunca utilizaram ou não lembram de ter usado (Tabela 1).

Com o intuito de relacionar a utilização dos AINES com os principais sintomas, observou-se os seguintes resultados, 54% (146) dos acadêmicos costumam utilizar para combater a dor, 10% (26) para dor e febre, 7% (20) para inflamação, 7% (19) dor e inflamação,

4%(12) dor, febre e inflamação, 8% (21) dos entrevistados não utilizam nenhum tipo de anti-inflamatório e 10% (26) utilizam para tratar outros sintomas (Tabela 2).

Ao serem questionados quanto aos meios de indicação do uso de AINES, levantaram-se os seguintes dados, 1,1% (3) fazem o consumo influenciados pela mídia, 4,44 (12) optam pela indicação de balconistas, 11,85% (32) através da indicação de amigos e familiares, 18,5% (50) por indicação farmacêutica, 21,1% (57) utilizam por indicação médica, 34% (92) por conta própria e o entrevistados que não utilizam AINES totalizam 8,9% (24) (Figura 4).

Tabela 1 – Classificação dos AINES mais utilizados pelos discentes.

Anti-inflamatórios utilizados	Abs.	%
Dipirona	122	44%
Nimesulida	46	16,6%
Paracetamol	34	12,3%
Ibuprofeno	33	11,9%
Diclofenaco	8	2,89%
Cetoprofeno	3	1,08%
Doralgina®	1	0,36%
Ácido acetilsalicílico (AAS)	2	0,72%
Dorflex®	2	0,72%
Neosaldina®	1	0,36%
Buscopan®	1	0,36%
Nunca utilizei ou não lembro de ter usado	24	8,66%

n=277 (Abs= absoluto)

Tabela 2 – Principais sintomas que levaram ao uso de AINES.

Principais sintomas	Abs.	%
Dor	146	54%
Dor e Febre	26	10%
Inflamação	20	7%
Dor e inflamação	19	7%
Dor, febre e inflamação	12	4%
Não utiliza AINES	21	8%
Outros sintomas	26	10%

n=270 (Abs= absoluto)

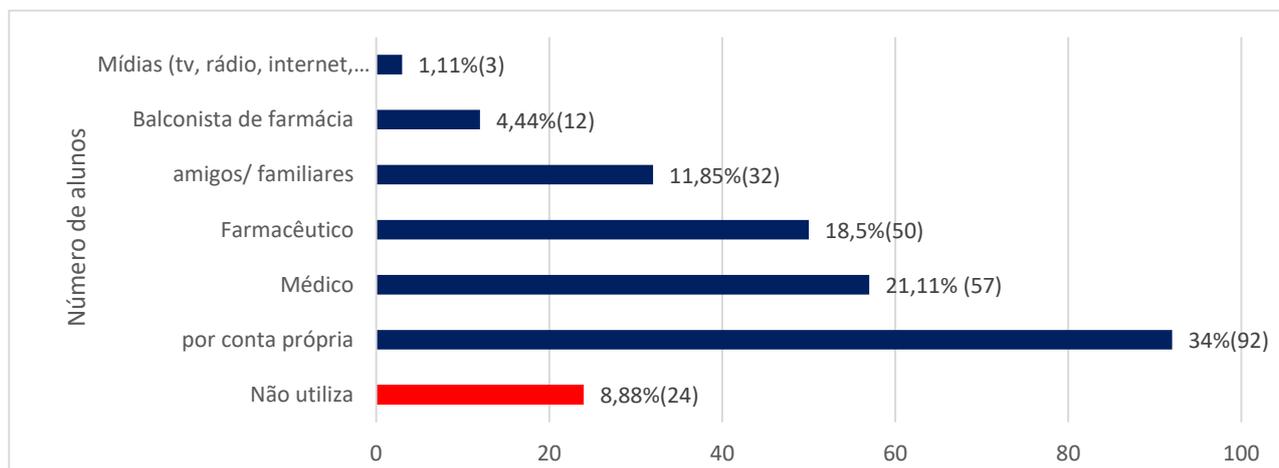


Figura 4- Responsável pela indicação do uso de AINES para os discentes de uma IES.

Com a finalidade de determinar a frequência de utilização de AINES e possíveis reações adversas, levantou-se os dados sobre a regularidade do consumo. Dessa forma, obteve-se que 33,6% (99) utilizam de uma a duas vezes por semana, 2,22% (6) de três a quatro vezes por semana, 3,33% (9) de cinco a sete vezes por semana, 11,1% (30) uma vez ao mês, 37,8%

(102) sempre que sentem algum tipo de desconforto e 8,9% (24) não utilizam AINES. Em relação a apresentação de reação adversa, 24% (65) apresentaram algum tipo de transtorno relacionado ao medicamento e 76% (205) relataram não ter apresentado nenhum tipo de reação adversa (Figura 5).

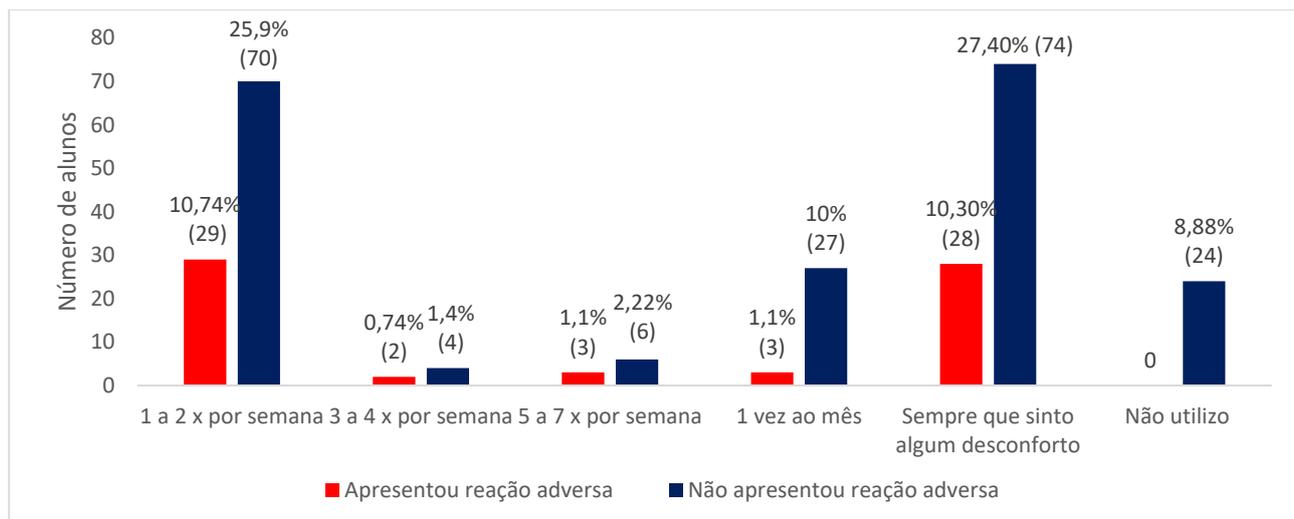


Figura 5 – Determinação de frequência de uso e reações adversas.

Ao serem questionados se as informações referentes a possíveis reações adversas são passadas pelo farmacêutico, observou-se que 88,5% (239) afirmaram que recebem orientação apenas quando perguntam e

11,5% (31) são orientados sempre que adquirem o medicamento. Em relação ao nível de confiança, 70,8% (191) afirmaram que confiam na indicação do farmacêutico e apenas 29,2% (79) não confiam (Figura 6).

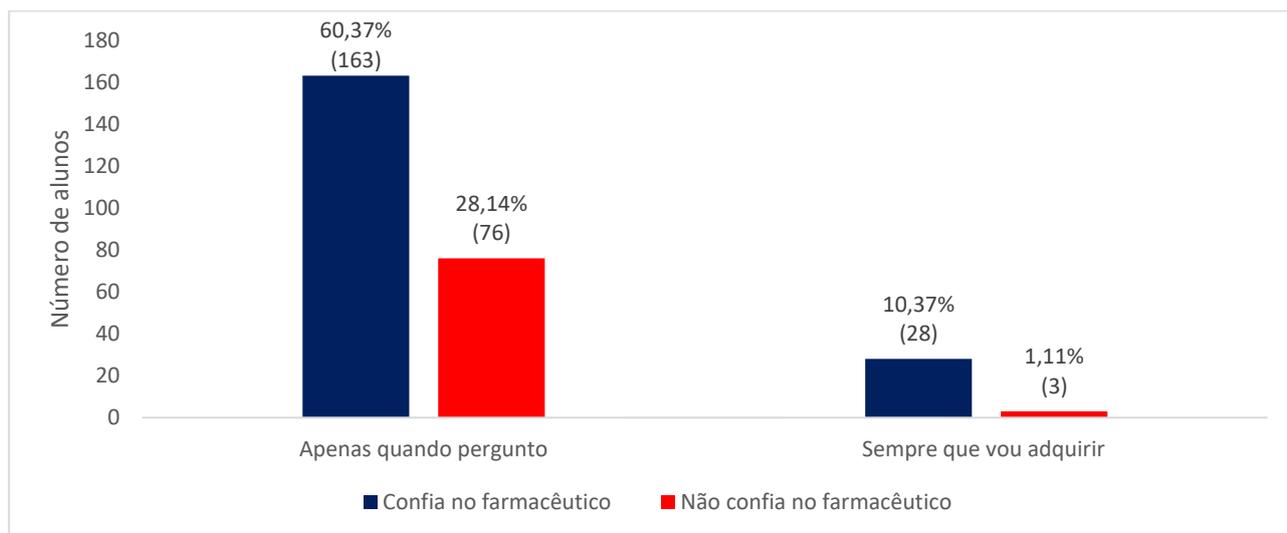


Figura 6- Nível de confiança na indicação do farmacêutico e análise da presença ou ausência de orientação sobre reações adversas.

4. DISCUSSÃO

Constatou-se que a faixa etária de maior participação foi dentre 18 a 22 anos, seguido daqueles de idade entre 23 e 29 anos. Resultados semelhantes foram encontrados, em um estudo que pesquisou sobre a prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem, em uma faculdade no interior no Estado de Minas Gerais, feito por Colares et al., 2017, onde a faixa etária mais predominante foi entre 18 a 30 anos. Quanto ao gênero, sobressaiu-se o sexo feminino, algo justificável se comparado aos dados levantados em pesquisa do IBGE (2018), que apontou o sexo feminino com maior predominância no

Brasil.

Em relação ao consumo de AINES, a população acadêmica da área da saúde registrou um número maior de utilização comparado a área da gestão, sugere-se que tal fato pode ocorrer devido a grande parte dos discentes estarem atuando na área ou fazendo seus estágios, ter acesso mais fácil ao medicamento e maior conhecimento sobre as indicações dos fármacos. Em um estudo transversal sobre a automedicação entre estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas, realizado por Gama e Secoli em 2017, a prevalência da automedicação foi de 76,0%, que representa um valor um pouco acima em relação a este trabalho. No entanto, enfatiza a liderança da área em questão sobre a automedicação.

Tratando-se do consumo concomitante de álcool e AINES, notou-se que mais da metade dos entrevistados não associam medicamento a bebida alcoólica, tal fato pode ser explicado pela preocupação acerca dos riscos e interações que o álcool pode causar associado aos AINES, assim como demonstrado no trabalho de Gotardelo et al., (2015) que relatam os riscos do consumo de álcool e medicamentos simultaneamente que podem causar interações medicamentosas até mesmo com pequenas quantidades de álcool, atuando diretamente no complexo enzimático do Citocromo p450 e assim induzindo a biotransformação de algumas drogas aumentando a toxicidade de alguns fármacos, como o paracetamol. Além disso, o autor aponta que a utilização de álcool e AINES como, por exemplo, o ácido acetilsalicílico (AAS) pode causar hemorragia.

Outro aspecto importante a ser analisado, destacase os medicamentos mais utilizados entre os acadêmicos, no qual pôde-se observar a dipirona, como sendo o de maior frequência de uso, seguido por nimesulida, assim como foi demonstrado no trabalho de Lima et al., (2016), em que predominou o uso da dipirona. Este fato pode ser explicado devido ao fácil acesso ao fármaco, por se tratar de uma classe de medicamentos conhecidos como *Over the counter* (OTC), ou seja, medicamento isento de prescrição (MIP), conforme verifica-se na Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) 98/2016, que dispõe sobre os critérios e procedimentos para o enquadramento de medicamentos como isentos de prescrição.

Dentro deste contexto, é necessário ressaltar os principais efeitos adversos que estes medicamentos podem causar ao organismo, principalmente associados ao uso indiscriminado. Diversos estudos têm evidenciado o surgimento da agranulocitose devido ao uso da dipirona, conforme descrito no estudo de Ferreira et al., (2013). Por este motivo, a substância foi proibida para uso humano em diversos países, inclusive nos Estados Unidos da América. Atualmente o medicamento voltou a ser vendido no país norte americano para uso exclusivo injetável e veterinário, mas apenas em cavalos, no intuito de tratar a febre, após aprovação da agência regulatória americana *Food and Drugs Administration* (FDA).

Os principais efeitos adversos da nimesulida são aqueles referentes a distúrbios gastrointestinais, como náuseas e vômitos (OLIVEIRA; PEREIRA; COLET; 2012). Por ter um baixo potencial de inibição da COX-1, para combater a dor, é mais utilizado como inibidor seletivo da COX-2, atuando no combate de inflamações. Segundo Araújo (2012), a hepatotoxicidade, embora seja raramente relatada como efeito adverso aos AINES, pode se manifestar de forma severa, motivo pelo qual alguns fármacos dessa categoria tenham sido retirados de comercialização em alguns países. Apesar deste fato, se for utilizado de forma correta, oferece menores danos ao estômago, se comparado a outros AINES.

Segundo Batlouni (2010), o tratamento a longo prazo com AINES pode causar erosões e úlceras

gástricas e duodenais. O motivo está relacionado principalmente ao mecanismo de ação que atua no bloqueio da COX-1, na qual está presente na mucosa gastrointestinal, causando a inibição da produção de prostaglandinas, que atuam como agentes citoprotetores da mucosa gastrointestinal, além de inibir a secreção ácida pelo estômago e aumentar o fluxo sanguíneo local.

Os AINES também podem causar diversas alterações na função renal, devido a presença tanto da COX-1 como da COX-2 nos rins, causando danos em maior ou menor grau. A nefrotoxicidade está descrita em diversos estudos e ocorre especialmente devido à ação inibitória dos anti-inflamatórios na síntese de prostaglandinas no organismo. Isso pode acontecer tanto com o uso de inibidores seletivos quanto os não-seletivos das ciclooxigenases, que podem ocasionar distúrbios hidroeletrólíticos até mesmo insuficiência renal crônica. (MELGAÇO et al., 2010).

Os AINES possuem diversos efeitos farmacológicos, atuando principalmente como analgésicos, antipirético e anti-inflamatório (SANDOVAL et al., 2017). No presente estudo, observou-se que o uso de AINES foi mais utilizado para tratar problemas de saúde relacionados a dor, por este motivo os analgésicos representam um número expressivo neste trabalho. Foram encontrados resultados semelhantes no trabalho de Galato, Madalena e Pereira (2012), que avaliou a prática de automedicação em estudantes universitários, o qual obteve-se que 90,4% citaram que a dor foi o principal problema de saúde, ocasionando a automedicação. O referido trabalho ainda destacou que dentre os medicamentos mais utilizados nos últimos 15 dias, os analgésicos, em sua grande maioria AINES, lideraram o índice de consumo.

Relativo aos meios de indicação de AINES, constatou-se que a maior parte dos estudantes recorrem à automedicação. Analisando as informações obtidas desta pesquisa, infere-se que o maior grupo pertence ao feminino, assim como foi apresentado no trabalho de Aquino, Barros e Silva em uma pesquisa feita no ano de 2010. O autocuidado também é um fator que influencia significativamente a prática de automedicação, fato semelhante foi encontrado na pesquisa de Silva et al., (2013), o qual relata sobre os problemas de saúde recorrentes das mulheres como a cólica, que é um dos gatilhos para automedicação. A cefaleia também contribui bastante para este problema. Este sintoma é comumente tratado com analgésicos pela população, assim como discorrido no trabalho de Silva (2019), no qual avaliou o uso indiscriminado de analgésicos por discentes de uma IES.

Analisando a frequência de uso de AINES, um maior número de entrevistados afirmou que utilizam medicamento sempre que sentem algum desconforto. Tais dados são bastante preocupantes, uma vez que a prática da automedicação pode mascarar os sintomas, agravar o problema de saúde ou até mesmo gerar distúrbios mais graves. Segundo Varalda e Mota

(2009), os AINES são a segunda maior causa de reações cutâneas a drogas, podendo desencadear diversas outras manifestações clínicas e geralmente não alérgicas. Entre as reações mais graves, pode-se citar a síndrome de Stevens- Johnson, que é caracterizada por lesões cutâneas na pele e mucosas.

De acordo com os dados obtidos notou-se que 70,7% confiam no farmacêutico para indicar medicamentos, corroborando com esta informação, o trabalho de Fernandes e Cembranelli (2015), afirma que o profissional farmacêutico é devidamente capaz para orientar o paciente, contribuindo com o uso racional de medicamentos e diminuição de problemas de saúde. Além disso, o estudo feito por Oenninng et al., (2011), indica que quando o farmacêutico dispensa o fármaco com as devidas informações de uso, o nível de conhecimento do paciente se torna maior, garantindo a diminuição ou isenção de complicações no tratamento farmacoterapêutico.

5. CONCLUSÃO

A partir de todos os resultados apresentados e analisados, infere-se que a população acadêmica do atual estudo recorre com frequência a prática da automedicação. Outro ponto importante a ser ressaltado, foi a predominância do grupo da área da saúde. Apesar do maior conhecimento sobre a indicação e uso destes fármacos, isso não isenta os riscos de reações adversas e agravamento de doenças.

Dessa forma, é importante destacar o uso racional e consciente sobre os AINES. O fácil acesso aos medicamentos é um dos principais motivos da automedicação, se for usado de forma racional e não frequente, pode trazer benefícios à saúde, pois ajuda de forma significativa e eficiente no combate de problemas de saúde.

Por fim, é imprescindível ressaltar a importância dos profissionais da área da saúde para promoção do uso racional de medicamentos. E sobretudo, a relevância no papel do farmacêutico sobre a melhora da qualidade de vida do paciente, diminuição de incidência de reações adversas a medicamentos e promoção do uso seguro e racional dos fármacos.

6. FONTES DE FINANCIAMENTO

Financiamento próprio.

7. REFERÊNCIAS

[1] ARAÚJO, A. L. Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura. 2014. 40 f., il. **Monografia** (Bacharelado em Farmácia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014

[2] ARAÚJO, L. F., SOEIRO, A. M., FERNANDES, J. L., SERRANO, C. V. – Eventos cardiovasculares : Um efeito de classe dos inibidores de COX-2. **Arquivos**

Brasileiros de Cardiologia - Volume 85, Nº 3, Setembro 2005.

- [3] ARAÚJO, M. A. R. - Hepatotoxicidade associada à nimesulida: uma revisão da literatura. **Rev. Bras. Farm.** 93(3): 283-289, 2012
- [4] AQUINO, D. S., BARROS J.A.C., SILVA, M. D. P. - A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Cien. Saude Colet.** 15(5): 2533-38, 2010.
- [5] BATLOUNI, M. Anti-inflamatórios não esteroides: Efeitos cardiovasculares, cerebrovasculares e renais. **Arg Bras Cardiol**;94:556-63. 2010.
- [6] CARVALHO, C. S., CARVALHO, A. S., PORTELA, F. S. - Uso Indiscriminado e Irracional antiinflamatórios não esteroidais(AINES) por paciente idosos em uma rede de farmácias no sudoeste da Bahia. **Rev. Mult. Psic.** V.12, N. 40. 2018 - ISSN 1981-1179
- [7] COLARES, K. T. P., BARBOSA, F. C. R., MARINHO, B. M., SILVA, R. A. R. -Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem. **Rev enferm UFPE on line.** 2019;13:e239756.
- [8] FERREIRA, D. L.; ROCHA, C. P.; VIEIRA, L. M.; DUSSE, L. M.; JUNQUEIRA, D. R.; CARVALHO, M. G.- Alterações hematológicas induzidas por medicamentos convencionais e alternativos. **Rev. Bras. Farm.** 94 (2): 94-101, 2013
- [9] FDA U.S. Food and Drug Administration. FDA's Center for Veterinary Medicine. Product Safety Information. Zimeta (dipyron injection)- Veterinarians. Disponível em <https://www.fda.gov/animal-veterinary/product-safety-information/zimeta-dipyron-injection-veterinarians>. Acesso em jun./2020
- [10] GOTARDELO, D; et al.,2015- Consumo de álcool e interações álcool-drogas entre idosos atendidos na Estratégia Saúde da Família. **Rev Med Minas Gerais** 2015; 25(3): 363-368 . Disponível em <http://rmmg.org/artigo/detalhes/1812>.
- [11] GALATO, D., MADALENA, J., PEREIRA, G. B.- Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(12):3323-3330, 2012
- [12] GAMA, A. S. M., SECOLI, S. G. - Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas-Brasil. **Rev Gaúcha Enferm.** mar;38(1):e65111. 2017
- [13] HAZARIKA, I.; SELVAM, P. Cyclooxygenase 3 Inhibition: A Probable Mechanism of Acetaminophen in Human: A Review. **TJGAJ.** Vol. 11 No. 1 JAN-2016, p. 205, 2016.
- [14] LIMA, T. A. M. et al . Análise de potenciais interações medicamentosas e reações adversas a anti-inflamatórios não esteroides em idosos. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 533-544, Junho 2016 .
- [15] MATOS, J. F. et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores

- de uma escola pública profissionalizante. **Cad.Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 76–83, 2018.
- [16] MENDES, C. A. et al. Parceria público-privada em cirurgia vascular. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 342-346, setembro de 2014.
- [17] MELGAÇO, S.S., SARAIVA, M.I., LIMA, T. T., SILVA, G. B., DAHER, E. F.- Nefrototoxicidade dos anti-inflamatórios não esteroidais. **Medicina (Ribeirão Preto)** 2010;43(4): 382-90
- [18] NAVES, J. O. S. et al . Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 15, supl. 1, p. 1751-1762, June 2010
- [19] OLIVEIRA, K. R., PEREIRA, D. C., COLET, C. F.;- Dispensação de anti-inflamatórios, analgésicos e antipiréticos na farmácia-Escola da UNIJUÍ. **Rev. Contexto e Saúde. V.12 n. 23- 67-74, 2012**
- [20] OLIVEIRA, M. M., SILVA, M. M., MOREIRA, T. L., COUTO, V. F., COELHO, Y. N., NUNES, C. P. - O uso crônico de anti-inflamatórios não esteroidais e seus efeitos adversos. **Revista Caderno de Medicina** Vol 2. No 2 (2019).
- [21] PROLUNGATTI, C. N. et al . Use of analgesic and anti-inflammatory drugs before assistance in a children's first aid unit. **Rev. dor**, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 96-99, June 2014 .
- [22] RANG, H.P.;DALE, M,M; RITTER,J.M.; FLOWER, R.J.; HENDERSON,G. **RANG & DALE FARMACOLOGIA**. 8° ed Rio de Janeiro, 2016.
- [23] RIDDERIKHOF ML, LIRK P, SCHEP NW, HOEBERICHTS A, GODDIIN WT, LUITSE JS, et al. The PanAM study: a multi-center, double-blinded, randomized, non-inferiority study of paracetamol versus non-steroidal anti-inflammatory drugs in treating acute musculoskeletal trauma. **BMC Emerg Med**;13:19. 2013.
- [24] SILVA, J. M. et al. Anti-inflamatórios não-esteroides e suas propriedades gerais **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.7, n.4, Pub.5, Outubro 2014.
- [25] Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Trimestre**. Brasil [Internet]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2017. Disponível em: em <http://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>> Acesso em mar/2020.
- [26] SOUZA, L. A. F et al. Prevalência e caracterização da automedicação para alívio da dor em estudantes de graduação em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 245-251, abril de 2011.
- [27] SCHUELTER –TREVISOL, F. TREVISOL, D. J., JUNG, G. S, JACOBOWSKI B. Automedicação em universitários. **Rev Bras Clin Med**. São Paulo, nov-dez;9(6):414-7, 2011
- [28] SILVA, J.A.C.; 2016- Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. **Rev Bras Clin Med**. São Paulo, 2013 jan-mar;11(1):27-30, 2013.
- [29] SANDOVAL, A. C., FERNANDES, D. R.; SILVA, E. A., JUNIOR, A. T. - Uso indiscriminado dos anti-inflamatórios não esteroidais (AINES). **Rev. Científica da faculdade de educação e meio ambiente- Ariquemes** v.8, n.2- 2179- 4200, 2017.
- [30] SILVA, A., SANTOS, J. D., SANTOS, S. O., SOUZA, A. P., KHOURI, A. G. - Uso indiscriminado de analgésicos por discentes de uma instituição de ensino superior: um risco imperceptível. **Rev Referência em saúde da faculdade Estácio de Sá-** Vol.02, n.3, pp.22-29- setembro 2019.
- [31] VARALDA, D. B.; MOTA, A. A. Reações adversas aos antiinflamtórios não esteroidas. **Rev. bras. alerg. imunopatol.** 09/32-01/27. 2009.